

PLANO DE CURSO			
NOME DA DISCIPLINA	TÓPICOS DE FILOSOFIA III		
CÓDIGO	GFL00091		
DOCENTE	FELIPE CASTELO BRANCO		
PERÍODO	2025.2	HORÁRIO	5º. FEIRA - 14-18H

OBJETIVOS

Ao longo da história da Filosofia Política, o Estado foi pensado como um ente abstrato ou como uma formação que teria atingido modernamente uma forma definida que seria responsável ou bem por formas particulares de dominação, ou bem pelo exercício da soberania política diante dos outros povos e de seus próprios subjugados. Este curso pretende recusar as abordagens que buscam compreender o Estado a partir de uma teoria geral, desenvolvendo em contrapartida uma investigação a respeito das mutações mais recentes da forma-Estado. De saída, para cumprir tal tarefa, será preciso compreender que, assim como o capital não é capaz de se constituir fora de sua dependência ao Estado, o aparelho estatal se molda igualmente em profunda correlação com a forma assumida pelo capital e por sua filosofia (ou ideologia) mais própria, a saber: o liberalismo.

No ano de 1944 é publicado o clássico livro *A grande transformação: as origens de nossa época*, pelo teórico social e economista austro-húngaro Karl Polanyi. Nesta obra, considerada uma das mais importantes da história da teoria econômica, Polanyi busca diagnosticar a origem do liberalismo econômico de tipo *laissez-fairista*, seu mecanismo e seus efeitos na vida social que perduraram até a crise de 1929. Polanyi crê, assim como fazia Marx, que a produção de mercadorias através do trabalho corresponde a um metabolismo entre o homem e a natureza. Mas se esse metabolismo passa a se organizar através de um mecanismo autorregulatório como o mercado liberal, o homem e a natureza têm que ser manuseados como mercadorias e devem forçosamente se submeter às oscilações de oferta e demanda; fenômeno que passa a obrigar a sociedade a viver em função da economia (e não mais o contrário). Nesse sentido, o liberalismo econômico passa a submeter todos os outros subsistemas (ordem social, natureza, relações humanas etc.) às necessidades de sua própria reprodução.

Mas um dos pontos mais importantes da pesquisa polanyiana foi ter sido capaz de demonstrar como o gesto de “liberalização” da economia jamais veio desacompanhado de uma contra-ofensiva organizada pelos próprios Estados, de modo a construir dispositivos *políticos* que pudessem amenizar os efeitos *econômicos* da devastação social provocada pelo avanço dos mercados sobre a vida coletiva. Ou seja: o efeito mais próprio do liberalismo não foi operar de maneira independente em relação ao Estado, mas sim atribuir ao Estado a responsabilidade de gerar proteção coletiva para garantir que as operações econômicas do *laissez-faire* não desequilibrassem a ordem social.

No entanto, com a reestruturação econômica dos Estados após a Segunda Guerra Mundial, Polanyi acreditou que uma nova era se anunciava; uma era que colocaria fim ao liberalismo econômico e inauguraria uma fase de retorno das políticas sociais estatais visando promover igualdade. Tais políticas estatais tenderiam a domesticar o livre-mercado em favor de maior estabilidade social a partir do pós-guerra. Em certo sentido, o surgimento do Estado-social de perfil keynesiano no pós-guerra confirmou a intuição de Polanyi. Mas tal formação histórica representou um período extremamente curto na história do capitalismo, reduzindo-se a breves trinta anos. De modo que o diagnóstico polanyiano conheceu uma rápida obsolescência.

Em sua obra *Tempo comprado*, o teórico social e pensador da economia frankfurtiano Wolfgang Streeck demonstra como a crise do capitalismo liberal, a partir de 1929, deu origem paulatinamente a uma formação de compromisso em que o Estado passa a assumir o papel de administrador das crises do mercado capitalista, de modo que o resultado histórico da forma do Estado-providência teria sido o adiamento da crise do capitalismo democrático que conhecemos hoje. O produto da crise desse modelo tem perdurado na forma do Estado neoliberal. Pensadores como Christian Laval e Pierre Dardot, em sua pesquisa sobre as origens do *neoliberalismo*, entendem que o erro de Polanyi foi acreditar que a aceleração da oposição ideológica entre mercado concorrencial e Estado, advogada pelo próprio liberalismo econômico, representaria o fim do liberalismo. Por permanecer preso à oposição binária *mercado x Estado*, autores como Polanyi não consideraram uma terceira possibilidade histórica – àquela do advento do neoliberalismo – que corresponderia a um alastramento *para o próprio Estado e suas técnicas de governo* da forma típica do mercado concorrencial; o que tem resultado, nos dias de hoje, na

mais agressiva e contínua reforma histórica da forma-Estado, com a finalidade de aclimatar as condições econômicas do capitalismo de mercado. Nesse sentido, segundo a tese de Laval e Dardot, ao apreender com o fracasso histórico do liberalismo econômico clássico, o neoliberalismo se armou contra o efeito protetivo que o *laissez-faire* havia gerado como uma espécie de contraofensiva a expansão dos mercados concorrenciais. O curso pretende se encerrar fomentando algumas reflexões a respeito do que significa viver sobre a forma neoliberal do Estado a partir da periferia do capitalismo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A CRÍTICA DE KARL POLANYI

- Apresentação da obra de Karl Polanyi
- As origens do liberalismo e do *laissez-faire*
- O colapso do liberalismo a partir de 1929
- As pesquisas antropológicas sobre a função social da economia
- As mercadorias fictícias: trabalho, terra e moeda
- Spenhamland e as Poor Laws
- Polanyi, a crise do liberalismo clássico e o retorno do Estado
- Wolfgang Streeck: o Estado endividado e o Estado de consolidação
- Uma falha no contexto das teorias da crise: o capital como agente
- O neoliberalismo de dois povos
- Christian Laval e Pierre Dardot como teóricos do neoliberalismo
- O erro de Polanyi segundo Laval e Dardot
- O colóquio Walter Lippmann e o nascimento do projeto neoliberal
- Do Colóquio Walter Lippmann à *Société du Mont Pélérin*
- A razão de governo neoliberal: Foucault e a governamentalidade
- O neoliberalismo como razão estratégica do liberalismo clássico: a guerra civil e a batalha pela reforma do Estado

- Pensar a partir da periferia: capitalismo periférico e neoliberalismo

Avaliação:

Trabalho a ser entregue na parte final do curso.

Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. “Capitalismo tardio ou sociedade industrial?”. In: Cohn, G. (org.). **Theodor W. Adorno – sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.

BLOCK, Fred; SOMERS, Margaret. **The power of market fundamentalism**. Karl Polanyi’s critique. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

CASTELO BRANCO, Felipe; YAZBEK, André (orgs). **Pensar o neoliberalismo: epistemologia, política, economia**. Recife: Ruptura Editorial, 2023.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre ; GUEGUEN, Haud ; SAUVETRE, Pierre. **A escolha da guerra civil**. Uma outra história do neoliberalismo. São Paulo: Elefante, 2021.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. “La double action de l’État selon Karl Polanyi”. In: **La nouvelle raison du monde**. Essai sur la société néolibérale. Paris : La découverte, 2009.

_____. “Le colloque Walter Lippmann ou la réinvention du libéralisme”. In: **La nouvelle raison du monde**. Essai sur la société néolibérale. Paris : La découverte, 2009.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. As origens de nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

POLLOCK, Friedrich. “Capitalismo de Estado: suas possibilidades e limitações”. In: Caux, L. P.; Fleck, A. (orgs.). **Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941**. Florianópolis: NEFIPO/UFSC, 2019.

STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado**. A crise adiada do capitalismo democrático. Lições Adorno em Frankfurt, 2012. São Paulo: Boitempo, 2018.